

MINHA RAZÃO DE VIVER

Diego Lourenço Gurgel¹

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

A leitura do livro de Samuel Wainer, caracterizado como autobiográfico, nos revela detalhes sobre o ímpeto deste personagem do jornalismo brasileiro, que antes de morrer resolveu deixar gravada toda sua história em depoimentos que somam 53 fitas, para que se tornasse este livro, que tem o prefácio escrito pelo amigo e escritor Jorge Amado. Wainer teve grande importância nos relacionamentos políticos para a saúde do trabalho nesta área, e até para a saúde dos diários, como descreverei mais adiante.

Samuel, não era brasileiro nato, e sim naturalizado. Filho de imigrantes Judeus da Bessarábia foi criado no Bom Retiro, distrito situado na região central da cidade de São Paulo, em condições pobres.

O livro mostra, segundo ele próprio, que a escrita não era uma vocação. Trabalhou em leilões, mas a paixão pela leitura o fez até roubar livros de sebos, o que deixa claro, que futuramente iria se deparar com a escrita graças a essa vontade que nasceu com ele.

Durante toda a leitura descobre-se que a obra é uma aula de história e nos imerge a realidade, tanto da política, das relações, muitas vezes corruptas, quanto do comportamento do profissional de jornalismo, como agir em determinadas ocasiões e principalmente com entrevistados ilustres, como por exemplo, o Presidente Getúlio Vargas (outra figura importante para a fundação do jornal Última Hora).

Como mencionei acima, Wainer eticamente teve um comportamento utilitarista, ou seja, se valia das amizades, trocava informações, e muitas vezes o fez para levar seu sonho adiante, e até para não ser preso (chegou a aceitar propina para escrever para determinadas pessoas).

Quando Getúlio Vargas decidiu voltar para a política, a maioria dos jornalistas e outros jornais eram contra a candidatura do mesmo. Ele foi o único que decidiu cobrir

¹ Diego Lourenço Gurgel é aluno do 1º período de Comunicação Social/jornalismo da Universidade federal do Acre. É publicitário e repórter fotográfico. Trabalhou nos jornais A Gazeta, A Gazeta.net. Hoje atua na Agência de Notícias do Acre.

vários comícios por todo o país, praticamente sozinho. Daí fica claro, a relação utilitarista entre os dois, para concretizarem mutuamente suas ambições. Vargas, de ser eleito e ter um veículo que o apoiasse durante o governo, e Samuel, de ter apoio financeiro e ideológico para a criação do seu jornal Última Hora, considerado “a menina dos seus olhos”, como é constatado durante todo o livro.


Wainer era um repórter privilegiado quando se trata de “seguir cada passo de Getúlio”, e o presidente, por sua vez, o considerava tão ou mais importante do que um ministro de sua gestão.

Apesar de parecer durante todo o discorrimento desta crítica à obra, de que Samuel se corrompia e se deixava guiar por “amizades e interesses”, pode-se afirmar que ele se atinha a escrever somente a verdade, mesmo parecendo que o oportunismo sempre falou mais alto, mas era assim que o autor agia. Nem mesmo perturbações pessoais e dificuldades, o tirariam da sua rotina de trabalho, e fazia tudo pra que o Última Hora sobrevivesse (o periódico chegou a ser distribuído em sete estados brasileiros).

Para sobrevivência do jornal, barganhou e atraía anunciantes para que o veículo conseguisse fôlego e musculatura financeira por maior espaço de tempo. Com a chegada da ditadura militar, a imprensa brasileira começa a ser rechaçada, e Wainer, para o bem do seu “sonho”, iniciou uma relação de proximidade com militares para adquirir relativa “intimidade”, mesmo assim, teve que se exilar no exterior graças a este regime.

Diante de tantos outros fatos narrados por ele neste livro, percebe-se o quanto era apaixonado pelo jornalismo, ao ponto de ir a fundo pesquisar sobre determinado assunto que escreveria, passando por prisões e alcançando o status de ser o único brasileiro correspondente de guerra na Europa, e o privilégio de conseguir declarações exclusivas no Tribunal de Guerra de Karl Doenitz, o primeiro personagem mais importante depois de Hitler naquela época.

Por fim, o livro torna-se um manual quase que obrigatório para jornalistas de carreira e aspirantes à profissão, entendendo as nuances do relacionamento deste profissional com o público, com figuras do poder, e pela realidade do ofício até nos dias atuais. Uma prova de que o amor pela profissão leva o indivíduo a situações muitas vezes extremas e põe o otimismo além do provável, com a frase citada muitas vezes na obra: “vai dar”.



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

Outra “dica” valiosa, e uma das características mais “fortes” que deve ter um jornalista é “viajar”, mesmo que como uma analogia, ir ao encontro dos fatos que estão ocorrendo.

Mesmo tendo sido processado por não confirmar-se sua nacionalidade, e recebendo adjetivos negativos na época, fica claro que Samuel Wainer lutou contra todas as intempéries sociais, políticas, pessoais e acreditou num sonho. Mesmo tendo fundado um jornal, voltou a ser repórter do mesmo, mostrando suas qualidades como um verdadeiro jornalista, e com certeza é uma das grandes figuras da comunicação brasileira do século XX.